



Alô Amigos! – Zé Carioca como representante nacional¹

Lia ALMEIDA²

Lílian MUNEIRO³

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN

RESUMO

Ao longo da história o brasileiro tem tido sua imagem propalada com predicados que enaltecem sua simpatia e informalidade. O texto fílmico *Alô Amigos*, produzido por Walt Disney em 1942 nos publicita um personagem que emblematiza o brasileiro. Trata-se do papagaio Zé Carioca que, ao lado de Donald, revela o que o Brasil tem a mostrar. Esta comunicação tem o objetivo de demonstrar os elementos utilizados para estereotipar o brasileiro. Para isso é apresentado breve contexto histórico que nos dá subsídios para o entendimento da política americana difundida como "Boa Vizinhança" e respectiva leitura fílmica baseada na historiografia e elementos comunicativos.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação; estereótipo; filme; política; Zé Carioca.

O filme *Alô Amigos*, produzido em 1942 por Walt Disney, foi o primeiro dos estúdios Disney baseado e estruturado em torno de elementos culturais latino-americanos. Composto por quatro pequenas partes que exibiam Brasil, Chile, Argentina e Lago Titicaca, o média-metragem apresentava ao público dois inéditos personagens, sendo um deles o papagaio José Carioca, arquitetado para simbolizar o brasileiro e suas características.

A oportuna Boa Vizinhança

Parte de uma iniciativa política planejada pelo governo dos Estados Unidos, o personagem José Carioca foi pensado e produzido com o intuito de estreitar os laços culturais e econômicos entre americanos e brasileiros. Entretanto, essa política externa

¹ Trabalho apresentado no Intercom Jr. – Publicidade e Propaganda no XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 12 a 14 de junho de 2013.

² Estudante de graduação 5º semestre do Curso de Publicidade e Propaganda da UFRN, email: lia.almeidapaiva@live.com

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Publicidade e Propaganda da UFRN, email: lilianmuneiro@gmail.com



também se estendia a outros países da América do Sul, como Argentina, Chile, Uruguai, Bolívia e Peru. A Política de Boa Vizinhança foi desenvolvida ao final do ano de 1933, pelo até então presidente Franklin Roosevelt, durante o contexto que sucedeu a Primeira Guerra Mundial. Além do objetivo inicial, demarcado pela conquista de mercado externo após o período da Grande Depressão, impedir a influência europeia na região e manter a estabilidade política no continente eram outros objetivos da Política, implementada até o ano de 1945.

Para melhor compreender o objetivo norte-americano com a Política de Boa Vizinhança e o seu interesse nos países latino-americanos, é necessária a inserção, mesmo que de forma breve, no contexto histórico do período entre guerras, que se estende do fim da Primeira Guerra Mundial, em 11 de novembro de 1918, até o início da Segunda Guerra, em 1 de setembro de 1939. O fim da Primeira Guerra foi demarcado com a derrota das nações europeias que participaram do conflito e o sucesso dos Estados Unidos, já que seus territórios não foram atingidos pelo conflito e o país tornou-se o grande financiador da reconstrução dos Estados europeus.

Todavia, apesar do êxito momentâneo, a crise de 1929⁴ acabaria por desestabilizar a hegemonia norte-americana e seu sistema capitalista liberal. É em meio às tentativas dos EUA de sair da crise que a Política de Boa Vizinhança foi criada, tendo a conquista de mercados externos na América Latina como seu inicial objetivo. Entretanto, é necessário ressaltar que a política externa adquiriu interesses distintos durante o período em que foi implementada. No primeiro momento, a razão primordial era de caráter político-econômico, com a busca por mercado externo no período que sucede a Grande Depressão. Porém, com a iminência da Segunda Guerra Mundial, o objetivo ganhou outra perspectiva, de caráter político mais sólido, devido à busca por aliados para o conflito militar.

É nesse segundo momento que nasce Zé Carioca, personagem que teria sido criado unicamente para o filme *Alô Amigos!* dos estúdios Disney. Lançado durante o período da Segunda Guerra – nos anos de 1942 e 1943, respectivamente no Brasil e nos EUA –, o filme trata da visita do turista Donald às terras sul-americanas, e é fruto do interesse político de Roosevelt na aliança com a América Latina. Como exposto

⁴A crise de 1929 foi uma grande depressão econômica que atingiu os Estados Unidos e conseqüentemente vários outros países ao redor do mundo. Este período causou a falência de bancos e investidores americanos, quedas drásticas na produção industrial, além do fechamento de inúmeras empresas comerciais e industriais, elevando astronomicamente as taxas de desemprego no país.



anteriormente, a aproximação com os países latino-americanos através da formação de laços e semelhanças culturais era crucial para a vitória dos Estados Unidos na guerra, pois seria preocupante se um desses países cedesse à ideologia comunista. Desse modo, tanto o filme *Alô Amigos!* como o segundo filme lançado, de nome *Os Três Cavaleiros*, podem ser enquadrados como peças de propaganda da Política de Boa Vizinhança.

Apesar do grande estímulo por parte do governo americano, é consenso entre diversos autores que o intercâmbio cultural entre esses países e os EUA nunca ocorreu de forma harmônica. Enquanto na América Latina propagavam-se qualidades da sociedade e cultura norte-americana, como os valores democráticos e o industrialismo, os atributos ligados à cultura latina eram o exotismo e as belezas naturais da fauna e flora.

Em *Tio Sam chega ao Brasil: a penetração cultural americana*, Gerson Moura vale-se da metáfora de uma avenida de mão dupla para simbolizar o intercâmbio entre as culturas. Na teoria, a permuta de valores culturais deveria ser bilateral. Entretanto, para Moura (1986), essa avenida não existiu na prática, pois a difusão cultural aconteceu unicamente por parte dos americanos, sem qualquer chance para os brasileiros mostrarem sua cultura.

Buscando uma sintonia política entre a América do Sul e Estados Unidos, o governo de Roosevelt programou, no ano 1941, a visita de celebridades Hollywoodianas ao Brasil e outros países sul-americanos, como Argentina e Chile. Entre atores e atrizes norte-americanos⁵, também fazia parte do time de visitantes, Walt Disney e sua equipe, inicialmente encarregados de coletar material para filmes e animações futuras. No Rio de Janeiro, a equipe conheceu diversos pontos turísticos, entre eles o Pão de Açúcar e o Jardim Botânico. Ao fim do passeio no Brasil, que durou 15 dias, seguiram para a Argentina, a fim de continuar os desenhos e registros acerca das exuberantes belezas latinas.

Alves (2009) destaca que, “percebendo o grande poder de persuasão do cinema quando utilizado como veículo de propaganda ideológica, o próprio governo dos USA se propôs a usá-lo como instrumento da ‘política de boa vizinhança’”, lançando, um ano após a visita, o primeiro filme fruto do tour realizado por Disney pelos países sul-americanos. A animação de média-metragem ganhou o nome “*Alô Amigos!*”, e estrelava

⁵ Além de Disney, estiveram no Brasil, com o mesmo fim de estreitar laços e afinidades, atores e atrizes como Tyrone Power e Lana Turner e os diretores John Ford e Orson Welles.



além do Pato Donald, personagens inéditos como o Aviãozinho Pedro, representando o Chile, e o Papagaio Zé Carioca, caracterizando o Brasil.

O filme é composto por quatro curtas animados, que mostram alguns dos inúmeros locais visitados pela equipe de ilustradores e pintores dos Estúdios Disney – o Lago Titicaca, localizado entre a fronteira do Peru e da Bolívia; a Argentina; o Chile e o Brasil. Embora retrate abreviadamente cada um dos lugares visitados, o enfoque dado às terras brasileiras é nitidamente percebido.

Ao analisar o média-metragem, percebe-se que apesar das quatro localidades apresentadas, somente dois personagens foram criados: o avião e o papagaio, que simbolizavam respectivamente o Chile e o Brasil. Os outros dois lugares – a Argentina e o Lago Titicaca – foram preteridas ou pela equipe de ilustradores ou pelo próprio diretor do filme. Pode-se deduzir que isso aconteceu por não haver importância, sobretudo política, para que os dois países ganhassem um personagem que os representasse.

Outra singularidade que reafirma a atenção extra concedida ao Brasil, é o fato de que ao contrário do aviãozinho Pedro – que além de ser um personagem mudo, não contracena com nenhuma figura Disney – o papagaio Zé Carioca não apenas tem contato com o prestigiado Pato Donald, como também se torna amigo deste, como veremos na análise do filme.

Tal constatação evidencia ainda mais a útil e forçosa aproximação americana para com o Brasil. Ainda de acordo com Moura (1986), esse processo de exportação cultural fazia parte de uma estratégia mais ampla, que tinha como objetivo assegurar o alinhamento do Brasil aos Estados Unidos, país que naquele momento buscava certificar-se como uma grande potência e núcleo de um novo sistema de poder no plano internacional.

É evidente o uso de estereótipos que são mostrados ao longo da animação. Para a montagem e estruturação do personagem José Carioca, por exemplo, foi curiosamente escolhido um papagaio, o “bicho que fala”, ave dócil e afável, conhecido e presente em várias residências da época. O papagaio, nesse caso, pode ser considerado como o estereótipo para que o brasileiro se identificasse com a sua representação animada, um animal receptivo e simpático. Era fundamental para os produtores que os brasileiros gostassem do personagem que lhes foi atribuído e compreendessem, ao menos superficialmente, a escolha deste.



O processo de estereotipização usado na construção do média-metragem e conceituado por Mauro Wolf (1999), nos ajuda a entender a presença do estereótipo na produção fílmica em análise:

A estratégia de domínio da indústria cultural [...] dispõe de múltiplas táticas. Uma delas consiste na estereotipização. Os estereótipos são um elemento indispensável para se organizar e antecipar as experiências da realidade social que o sujeito leva a efeito. Impedem o caos cognitivo, a desorganização mental, constituem, em suma, um instrumento necessário de economia na aprendizagem. (WOLF, 1999, p.38)

Entretanto, é necessário ressaltar também que os estereótipos são estratégias usadas para submeter o desconhecido à condição de inferior, deixando assim de retratar o grupo de indivíduos de forma verossímil. É exatamente esse processo que ocorre no filme *Alô Amigos*. O desinteresse em conhecer de forma mais aprofundada o brasileiro e sua cultura é evidente, visto que os aspectos abordados pelos produtores são elementos superficiais, frutos de uma visão rasa e claramente pré-conceituada.

O Brasil e sua cultura são mostrados com elementos eufóricos, com festas, música, bebida e alegria. Ramonet (2002) salienta que a televisão e o cinema de massas apresentam imagens específicas,

Ajustadas a um desígnio ideológico, e destinadas a acompanhar, como uma prótese simbólica, a sensibilidade coletiva, quer dramatizando as preocupações dominantes, quer, ao contrário, euforizando a conjuntura. (RAMONET, 2002, p.8)

Dessa forma, o personagem José Carioca atuou personificando a cultura brasileira e os traços de sua população. O papagaio foi o elo de ligação entre brasileiros e americanos.

Alô Amigos! – A intenção por trás do filme

Alô Amigos é um filme estadunidense – cujo título original é *Saludos Amigos* – produzido no ano de 1942 pelos estúdios Disney. A animação era inicialmente fragmentada em quatro partes, que acabaram unidas por Walt Disney, formando um média-metragem de 42 minutos. O filme retrata quatro localidades da América do Sul: O Lago Titicaca, o Chile, a Argentina e o Brasil. A animação recebeu três indicações ao Oscar no ano seguinte, nas categorias de melhor som, melhor trilha sonora de filme musical e melhor canção original.

O Lago Titicaca, caracterizado pelo narrador como a “*terra romântica dos antigos Incas*”, é a primeira localidade exposta no filme. Diretamente ligado ao folclore e à história da região da antiga civilização, o lago – que fica entre a fronteira do Peru e da Bolívia – foi equivocadamente escolhido para representar esses dois países. Como suas proximidades são habitadas por diferentes povos com costumes distintos, a generalização acaba estereotipando erroneamente a cultura desses habitantes. É através do seguinte trecho narrado, que se pode perceber o exagerado enfoque dado exclusivamente à cultura indígena: “*Evitamos, de propósito, as cidades modernas, preferindo as pitorescas aldeias dos índios*”.

A relação feita com a cultura dos índios ainda aparece na trilha sonora, que lembra explicitamente músicas de rituais. Após uma breve apresentação da cultura local e da população – na qual são passados vídeos feitos pela equipe durante a estadia no local – inicia-se o desenho, protagonizado pelo turista norte-americano Pato Donald, que interage com índios das aldeias e aventura-se pelos terrenos acidentados da região na companhia de uma lhama.



Nativos da região do Lago Titicaca.



Pato Donald segue viagem na companhia de uma lhama.

A jornada de Disney tem continuidade no Chile. Entretanto, diferentemente do Lago Titicaca, da Argentina e do Brasil, nada é falado acerca da população ou da própria região. Enquanto informações e curiosidades sobre o país são completamente desprezadas, o locutor cita e elogia exclusivamente as vistas admiradas durante o voo, que passa pela Cordilheira dos Andes e pelo Aconcágua. As únicas filmagens exibidas na animação foram capturadas no interior do avião, mostrando os desenhistas e suas aquarelas das paisagens.



Ilustrador da equipe Disney desenhando durante o voo.



Uma das aquarelas produzidas pelos desenhistas.

Antes mesmo que a aeronave pousasse em Santiago, a ideia de um novo personagem já estava elaborada. Desse modo, nasceu o aviãozinho Pedro, que durante a animação faz um voo entre Santiago e Mendoza – rota do correio aéreo. Embora tenha expressões bem definidas, o personagem permanece curiosamente calado durante todo o desenho, tendo suas falas expressas através do locutor. Diferentemente do personagem criado para o Brasil, o avião não tem contato com nenhum personagem Disney, podendo-se compreender, portanto, que a proximidade com o Brasil é mais importante e útil do que a aproximação cultural com o Chile.



Esboço do aviãozinho Pedro.



Personagem já finalizado.

A próxima parada foi feita em Buenos Aires, na Argentina, onde permaneceram por três semanas. Apesar de citar e exaltar alguns monumentos da capital, como a Praça de Maio e o Palácio do Congresso, o locutor deixa claro o real interesse de Walt Disney e sua equipe na seguinte frase: “É verdade, a capital nos havia impressionado, mas queríamos conhecer os pampas e a figura romântica do gaúcho”. Nesse ponto, são

exibidas filmagens que mostram os trabalhos de Molina Campos, pintor e ilustrador argentino conhecido por seu tipo de pintura caricaturesca e bem-humorada, que retratava o estilo de vida dos gaúchos.



Pinturas do ilustrador Molina Campos, que acabaram inspirando a criação dos cenários que aparecem no segmento “O Gaúcho Pateta”.

Desenvolvida no mesmo formato utilizado no segmento do Lago Titicaca, a parte do filme destinada à Argentina tece comentários a respeito da cultura e costumes dos gaúchos, com enfoque na vestimenta, nas danças, músicas típicas e no churrasco. Ao invés de retratar o tango e as músicas modernas da capital, os ilustradores preferiram mostrar os bailes tradicionais e as canções melancólicas dos violeiros. Nesse momento, são feitas comparações entre o gaúcho argentino e o cowboy do velho oeste, uma tentativa escancarada de aproximar as culturas argentina e norte-americana.

O fragmento animado é estrelado pelo personagem Pateta – já integrante do time de personagens Disney – que interpreta o cowboy levado a viver como gaúcho por um dia. O vaqueiro norte-americano aparece realizando todas as práticas e costumes dos gaúchos dos pampas: com numerosas peças do vestuário típico, tentando selar um cavalo, saboreando a carne tenra do assado argentino, praticando a caça à avestruz, tocando uma balada romântica e melancólica com seu violão, e por fim, se divertindo com as várias danças típicas – *La Chacarera*, o *Malambo* e o *Pala-Pala*.



Pateta com as vestimentas típicas dos pampas.



Fragmento em que Pateta se delicia com o churrasco argentino.

A enaltecida “cidade maravilhosa”

Finalmente, o filme inicia a passagem pela “*cidade maravilhosa*”, destacando o Pão de Açúcar, o “*panorama deslumbrante*” da praia de Copacabana e o Corcovado com a estátua do Cristo Redentor. Além desses locais, as gravações feitas durante a viagem também exibiam as ruas da cidade, as calçadas, os cariocas, e as festividades típicas do Carnaval.

É necessário comentar o perceptível enfoque dado ao Carnaval durante as filmagens. O locutor/narrador não apenas informa aos espectadores a duração da festa: “*Durante quatro noites e três dias a cidade inteira dança e canta com alegria.*”; como ainda explica sobre as marchinhas de Carnaval, denominadas no filme de “sambas”: “*Dezenas de sambas são escritos especialmente para o Carnaval, e o sonho de cada compositor é que seu samba seja aclamado pelo público*”. Nesses trechos, pode-se perceber o interesse dos americanos pelo Carnaval, deixando clara a intenção de Disney em expor detalhes da animada festividade.

Desde o início, nota-se com facilidade o número excessivo de adjetivos usados pelo locutor para elogiar o Rio de Janeiro. Aparentemente, tudo na cidade parecia chamar a atenção dos desenhistas e ilustradores: As “*curiosas*” calçadas de mosaico, as ruas da cidade e seus cafés ao ar livre, o “*gozadíssimo*” papagaio – que viria a tornar-se inspiração para o Zé Carioca – e o “*fascinante*” samba com seu ritmo “*admirável*” e seus instrumentos “*desconhecidos*”.

As inúmeras qualificações encaixadas ao longo da locução não foram ao acaso. Havia ali uma tentativa de tornar o Rio de Janeiro e conseqüentemente o Brasil, algo

além das expectativas, que cativasse o espectador e o deixasse maravilhado com as infundáveis descobertas e inspirações tidas pelos ilustradores da equipe Disney.

Para dar início à parte animada, o locutor afirma que a canção *Aquarela do Brasil*, do compositor Ary Barroso, serviu de inspiração para o primeiro desenho feito sobre o Brasil, por descrever bem esta terra caracterizada no filme como “*tão linda, tão romântica e tão exótica*”. A música foi usada como tema no segmento final do filme, em que o personagem José Carioca convida o Pato Donald a conhecer a cidade do Rio de Janeiro.

Nada mais simbólico do que começar a animação com uma folha em branco, lembrando uma tela a ser desenhada pelo artista. Pode-se dizer que esse detalhe tinha como intenção traçar uma semelhança entre a exuberância do Brasil – sua fauna e flora exótica – e uma obra de arte. Na medida em que o desenho recebeu pinceladas de cores, a cachoeira ganhou movimento e tudo adquiriu cores vivas e berrantes. As flores e os animais ganham vida e participam do espetáculo, cantando e dançando no ritmo da música. O interesse dos ilustradores pelas inúmeras espécies de pássaros é evidenciado no desenvolvimento da animação, na qual vemos flamingos, tucanos e outras coloridas aves.



Momento em que a paisagem começa a ser colorida.



Flores acompanham o som da música cantando.

Em meio ao panorama surge o Pato Donald, e logo em seguida o papagaio Zé Carioca, rapidamente desenhado e colorido. Ambos se apresentam, entregando cartões pessoais com seus nomes. Enquanto no cartão do papagaio aparecem os nomes da cidade e país – Rio de Janeiro e Brasil –, o cartão do Pato Donald mostra apenas o nome “*Hollywood*”, subentendendo-se que somente este nome seria autossuficiente para entender a estrela que é o personagem da Disney. O fato de no cartão do papagaio

conter o nome da cidade do Rio de Janeiro, acaba nominando o próprio José Carioca como seu representante.



O cartão do papagaio Zé Carioca tem grafia que parece ter sido feita à mão.



O cartão “hollywoodiano” do Pato Donald apresenta uma fonte mais reta, parece ter sido fabricado.

Outro ponto importante para entender a atuação do mecanismo de estereotipização na animação é a grafia utilizada em ambos os cartões. Ao analisar o cartão apresentado pelo Zé Carioca, percebe-se que este parece ter sido escrito à mão, passando forte ideia de informalidade e proximidade. Em contrapartida, ao analisar o cartão dado pelo Pato Donald, é perceptível a ausência de detalhes e a grafia simples utilizada, particularidades que acabam por distanciar o espectador do personagem.

Ao se dar conta de que o pato com quem fala é Donald, Zé Carioca parece não se conter de tanto entusiasmo. Chega inclusive, a imitar cheio de animação um gesto típico do pato. Pode-se notar, nesse momento, o estrelismo com o qual o Pato Donald é apresentado, estratégia para auto enaltecimento a Disney. Quando Donald estende a mão para cumprimentá-lo, ele logo o abraça e fala: *“Ora venha me dar um abraço, um mesmo daqueles, um quebra-costela, um bem carioca, bem amigo”*, destacando dessa forma, a camaradagem e simpatia dos brasileiros.



Zé Carioca imita famoso trejeito do pato.



Longo e amigável abraço entre os dois personagens.

A interação entre os personagens é montada de forma afetuosa e amigável. Ao dar as boas-vindas, Zé Carioca sem demora começa a citar inúmeros pontos turísticos que Donald precisa conhecer, evidenciando a diversidade de atrações que o país oferece. Em seguida, o pato se anima ao escutar o novo amigo falando inglês: “*Or, as the american say, let’s go see the town*” e logo depois “*Donald, I will show you the land of the samba*”. Ao ser perguntado quase imediatamente por Donald sobre o que seria o samba, o papagaio batuca seu guarda-chuva em seu chapéu de palha e logo começa a performance no ritmo da música que se inicia, com passos característicos do samba.



Zé Carioca exhibe passos do samba.



Donald e Zé dançam enquanto caminham pela calçada de mosaico.

Ao som da famosa música *Tico-Tico no Fubá*, Donald e Zé dançam com alegria à medida que andam por uma calçada que imita os mosaicos da praia de Copacabana. Donald se irrita ao não conseguir acompanhar o papagaio com os movimentos do samba, mas logo acerta os passos e os dois dançam juntos. Logo em seguida, ainda embalados pelo ritmo da música, chegam a um local chamado “*cachaça*”, que representa o bar ou o boteco. Os amigos sentam-se à mesa e Zé enche os copos com a bebida, apresentando-a a Donald e convidando-o a tomá-la: “Que tal uma cachacinha agora, hein?”. É necessário considerar a demasiada visibilidade dada à cachaça nesse ponto da animação. Além de “emprestar” o nome para simbolizar o próprio bar, as falas de Zé Carioca parecem afirmar que o consumo da bebida é algo rotineiro no dia-a-dia do brasileiro.



Papagaio e pato chegam a lugar chamado “Cachaça”.



Zé oferece cachaça a Donald.

Iniciado com o ritmo dos soluços de Donald após tomar um copo de cachaça, o samba entra em cena novamente, demonstrando o esforço dos produtores em mostrar e enaltecer a música brasileira. Logo em seguida, mais uma vez ao som da canção “*Aquarela do Brasil*”, Donald aparece dançando com uma silhueta feminina que se assemelha à figura da cantora brasileira Carmen Miranda. Por fim, são mostrados letreiros iluminados com nomes de bairros nobres da Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro, como Copacabana e Urca. No desfecho do filme, a folha em branco que havia aparecido no início da animação mostra-se ilustrada e colorida, com flores e arbustos em primeiro plano e os edifícios cariocas ao fundo.



Paisagem carioca exibida ao fim da animação.



Zé Carioca, o brasileiro

Durante a análise fílmica verifica-se que o estereótipo do brasileiro foi construído progressivamente. Aos olhos do turista Pato Donald, seu novo amigo papagaio parece ser um típico malandro simpático carioca, que adora beber e festejar.

As características imputadas propositalmente ao papagaio foram o samba, a cachaça, o Carnaval e a afetuosidade, elementos com os quais o brasileiro estava familiarizado, isto é, comportamentos e atributos que os próprios brasileiros consideravam tipicamente seus.

A exposição do Brasil de forma enaltecida e simpática tentava reafirmar a política de vínculo praticada pelos EUA até então. Através do filme, o governo norte-americano se fazia presente, “lembrava” o quão importante e prazerosa era a relação entre americanos e brasileiros.

A tentativa forçosa de estreitar laços com os países latino-americanos produziu não somente um filme com visões deturpadas das culturas apresentadas, mas acabou por criar e reforçar uma imagem particular do brasileiro dentro do imaginário estrangeiro.

REFERÊNCIAS

ALVES, J. F. **A invasão cultural norte-americana**. 2. Ed. São Paulo: Moderna, 2009.

BETHELL, L.; ROXBOROUGH, I. **A América Latina entre a Segunda Guerra Mundial e a Guerra Fria**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FIORIN, J. L. **As astúcias da enunciação**: as categorias de pessoa, espaço e tempo. São Paulo: Ática, 2005.

MOURA, G. **Tio Sam chega ao Brasil**: a penetração cultural americana. São Paulo: Brasiliense, 1986.

RAMONET, I. **Propagandas silenciosas**: massas, televisão, cinema. Petrópolis: Vozes, 2002.

SILVA, H. **1939**: véspera de guerra. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.

WOLF, M. **Teorias da comunicação**. 5. ed. Lisboa: Presença, 1999.